

# Críticas de Simonsen

por Pedro Cafardo  
de São Paulo

(Continuação de 1ª página)  
na econômica. Como exemplo, citou a política cambial, instrumento que o governo não pode utilizar porque as empresas, altamente endividadas, não suportariam.

Mário Simonsen concordou que a dependência externa diminui o poder de manobra do governo. "Algum denominador comum" existiu também, segundo Simonsen, quanto à estratégia do balanço de pagamentos, que não deve ser estabelecida apenas para 1981 mas para toda a década.

Na estratégia de Simonsen, porém, está implícita a definição de que a dívida externa é efeito e não causa do déficit em conta corrente do balanço de pagamentos. Girar a dívida, segundo o ex-ministro, é o problema mais simples de administração financeira internacional. "O problema é que, no momento, necessitamos de vários bilhões de dólares a mais. Esse adicional, gerado pelo eventual déficit comercial e pelo déficit de serviços, que não são juros, é a questão que inspira cuidados. Mas não se trata aí de um problema de dívida, e

sim de balanço de pagamentos."

## SUPERAVIT COMERCIAL

Em matéria de balanço de pagamentos, segundo disse Simonsen em sua palestra, o Brasil precisa estabelecer um objetivo firme: conseguir em poucos anos um superávit comercial que cubra, com folga, todos os serviços, exceto juros, o que "nos levará à confortável situação de só precisar de empréstimos externos para o giro da dívida". Conseguindo esse objetivo, "não nos faltará apoio no sistema internacional", porque o "tamanho da dívida externa não assusta".

A renegociação da dívida, desta forma, proposta do professor Celso Furtado (ver abaixo), foi rechaçada de pronto pelo ex-ministro Simonsen. Não haveria, disse, nenhuma dificuldade em renegociar, mas haveria um problema brutal para conseguir qualquer empréstimo adicional após a renegociação. "Teríamos de fazer um corte dramático nas importações por falta de divisas (Simonsen estima em US\$ 5 bilhões por ano), o que teria reflexos altamente dolorosos para a economia brasileira."

Nessa linha de raciocínio, Simonsen elogia a política contracionista que está sendo posta em prática atualmente, apesar da ressalva, de que, "se se tivesse freado um pouco antes, a freada poderia ter sido mais suave".

A estratégia, segundo Simonsen, tem de ser necessariamente transitória, inclusive porque "os banqueiros não gostam de emprestar dinheiro a países que não crescem". Nesse sentido, Simonsen fez algumas previsões consideradas otimistas por Albert Fishlow,

sobre uma reativação da economia em 1982.

Suas previsões são de que, "fora imprevistos e reaquescimentos prematuros, haverá um pequeno alívio daqui para o fim do ano, mas não um grande relançamento da economia". Quanto a 1982, disse, "eu lembraria apenas que depois da tempestade vem a bonança".

## SUGESTÕES

Os sacrifícios atuais, de qualquer forma, poderiam ser mais equitativamente distribuídos com a adoção de algumas providências. Simonsen enumerou três:

"1) Cortar subsídios e aumentar, no montante correspondente, investimentos das empresas estatais, fazendo-as recorrer ao mercado externo de financiamentos. Isso melhoraria a composição das despesas públicas e, possivelmente, aumentaria nossas reservas internacionais, aumentando a margem de manobra da política econômica;

"2) Substituir a atual política salarial pelo regime de livre negociação, sem tetos nem pisos, limitando a interferência do governo à decretação do salário mínimo. Isso permitiria que as

expectativas de queda da inflação se transferissem mais rapidamente aos preços, diminuiria o desemprego e a rotação de mão-de-obra e aliviaria as tensões de custos das empresas;

"3) Controlar atentamente a base monetária, fechando as contas abertas do orçamento, mas deixar livre a expansão do crédito bancário. Os atuais limites de expansão de 50% é que cartelizam o crédito, tornando tão dispare os resultados do comércio e indústria, de um lado, e do sistema financeiro, de outro".